



**A IDENTIDADE CRIOLLA E A LITERATURA HISPANOAMERICANA:  
UMA REVISÃO HISTÓRICA**

Marcele Bald

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de História, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientadora: Neli Teresinha Galarce Machado

Lajeado, junho de 2009



“Não é inútil cantar a beleza e a dor de ter nascido na América”.

(Galeano, 1980, p. 16).

## RESUMO

Este estudo pretende analisar as transformações históricas na identidade *criolla* através das produções literárias latino-americanas. A análise se iniciará com os primeiros escritos do século XVI, seguindo com as transformações ocorridas na literatura dos séculos XVII e XVIII, centrando-se em cronistas e escritores destes períodos. A pesquisa visa investigar a influência das transformações históricas sobre a construção da identidade *criolla*, salientando o uso das produções literárias destes três períodos como importantes fontes históricas, e como legitimação do surgimento de uma identidade criolla original.

**PALAVRAS-CHAVE:** América Colonial. História. Literatura. Identidade.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
1 A LITERATURA DA AMÉRICA LATINA COMO FONTE HISTÓRICA .....	7
2 BREVE ANÁLISE DA LITERATURA PRODUZIDA NA AMÉRICA – SÉCULOS XVI e XVII.....	12
2.1 Os primeiros registros .....	13
2.2 As primeiras obras do século XVI escritas por criollos.....	19
3 O FLORECIMENTO INTELECTUAL <i>CRIOULLO</i> NO SÉCULO XVII .....	25
3.1 A sociedade <i>criolla</i> nas páginas dos livros. ....	27
4 SÉCULO XVIII: LUTA IDEOLÓGICA ATRAVÉS DA LITERATURA .....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS.....	41

## INTRODUÇÃO

A presente monografia pretende analisar o surgimento e a evolução da identidade *criolla* a partir dos primeiros escritos literários da América Espanhola do século XVI, e, posteriormente, da literatura desenvolvida nos séculos XVII e XVIII. Para esta análise, serão levados em conta o contexto histórico vivido por cada autor, bem como a influência das transformações históricas sobre a sociedade da época, observando seus reflexos na literatura hispanoamericana.

O primeiro capítulo justificará a utilização das produções literárias como fontes para o estudo da história e da sociedade, uma vez que se tratam de registros de época, cujos autores tiveram significativa importância histórica. Serão abordadas as diferenças ideológicas entre os escritores do Velho Mundo e os escritores do Novo Mundo, bem como sua educação e origem. Serão observados os conceitos de identidade cultural e de “identidade *criolla*”, suas modificações no decorrer da história e sua significação na atualidade. O capítulo fará uma breve análise dos diferentes estágios e temáticas da literatura hispanoamericana dentro dos três séculos abordados no trabalho, sempre lembrando que os escritores e suas obras provêm de diferentes realidades.

O segundo capítulo tratará das produções literárias dos primeiros cronistas em chão americano, os desbravadores, cujos relatos consistem em importantes fontes históricas da época do descobrimento. Esta análise se faz importante mesmo que os autores não sejam *criollos*, pois seus escritos esclarecem a ideologia da conquista e revelam o que se pensava sobre o Novo Mundo, sua natureza, sua população, suas crenças. Este capítulo subdivide-se em duas partes. A primeira fará

uma análise dos registros dos primeiros cronistas da América espanhola, e uma reflexão sobre a forma como vieram o Novo Mundo e como se integraram a ele. A segunda parte analisará as obras e as idéias dos primeiros escritores que podemos chamar de *criollos* por terem nascido na América, mesmo que sua educação e pensamento sejam europeus.

No terceiro capítulo será feita uma análise histórica do século XVII na América espanhola, demonstrando como as mudanças econômicas e sociais afetaram a realidade cultural nas novas cidades comerciais, e como isto se refletiu na literatura e na construção de uma identidade própria. O capítulo abordará inicialmente o crescimento comercial e urbano, o conseqüente aumento das universidades e da circulação de livros, e finalmente a ascensão da elite *criolla* como classe dominante. Na literatura aparecerão novos estilos e temáticas, principalmente a poesia cortesã, que exalta a sociedade *criolla*, a beleza das cidades, as riquezas da América. Num segundo momento será feita a análise do pensamento e das obras de alguns dos principais representantes da literatura desse período, seguida de uma reflexão sobre a influência dessas mudanças históricas na literatura e na identidade cultural.

O quarto capítulo apresentará o século XVIII como determinante para a consolidação de uma identidade *criolla* e o nascimento do nacionalismo literário na América espanhola, baseado nas idéias iluministas, na ideologia da Revolução Francesa e na Independência dos Estados Unidos. Serão abordadas as reformas advindas da ilustração e seus resultados refletidos na literatura, agora com forte discurso político e ideológico.

Partimos então para o desafio de verificar de que forma, através da literatura, vai sendo traçada a identidade cultural dos povos hispanoamericanos.

## 1 A LITERATURA DA AMÉRICA LATINA COMO FONTE HISTÓRICA

A literatura latino-americana foi influenciada pelo modelo europeu por mais de três séculos até desenvolver características próprias, que revelam uma cultura *criolla* original. Este processo foi profundamente influenciado por fatores históricos, cuja análise norteará o presente trabalho. O uso das produções literárias como meio para o estudo da identidade é justificada por conterem informações sobre a época em que foram produzidas, e mais tarde, utilizando a história social e política como pano de fundo. Estes elementos lhes dão caráter direto de fonte histórica, uma vez que são registros de sua época. Diante disso, Loiva Otero Félix nos diz:

Se a pergunta pelo sentido da condição humana e de sua trajetória está na base da explicação para o fazer história como investigação-testemunho, a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade. (Félix, 1998, p.35).

A presente análise irá abranger trezentos anos de história latino-americana, iniciando pelos escritos literários da descoberta do Novo Mundo, levados em conta, aqui, como primeiros tipos de produção literária da América Latina. Estas primeiras literaturas foram escritas pelos próprios desbravadores, entre os quais podemos citar Cristóvão Colombo e suas cartas, os relatos de Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, e as denúncias do Frei Bartolomé de Las Casas. O espanto e admiração com a flora, a fauna e os nativos foram os temas centrais dessas primeiras produções. Nos séculos seguintes ao descobrimento, as obras literárias começam a aparecer em grande quantidade, apresentando uma maior variação de temas, como estudos gramaticais, científicos, geográficos.

É importante lembrarmos que os primeiros cronistas em chão americano eram espanhóis, e os primeiros que nasceram em terras americanas pensavam e

escreviam como espanhóis. Entretanto foram seus textos e relatos que deram início a uma vasta produção literária, na qual se inseriram mais tarde os escritores *criollos*, com temas e estilos originais, reveladores de uma identidade própria.

A denominação *criollo* aparece no século XVI e transforma-se através do tempo. Primeiramente, eram considerados *criollos* todos aqueles nascidos na América, mesmo de pais europeus. Posteriormente, a palavra *criollo* passa a ser aplicada a todos os não-índios que estavam aclimatados física e culturalmente à América. No século XVII qualquer homem nascido em solo americano, mesmo de pais europeus, passa a ser denominado “americano”. É neste momento que emerge uma sociedade consciente de si mesma, ou seja, nasce uma nova cultura, diferente da cultura espanhola. Assim, a cultura *criolla* une todos os habitantes da América (índios, negros, brancos, mestiços) no vínculo de um solo comum. Em relação a isto, Lafaye afirma:

E a partir do momento em que o vínculo de um solo comum congregou todos os habitantes da América – independente de sua raça ou origem étnica – numa relação comum com os estrangeiros do continente, nasceu uma cultura criolla, diferente da cultura espanhola. (Lafaye, 1998, p. 619).

É, porém, evidente que este processo foi lento e doloroso. Sabemos que o desenvolvimento de uma cultura *criolla* original passou por diversos obstáculos de caráter preconceituoso.

Diante disso, é também importante salientarmos que a literatura, dentro de uma série de produções culturais que floresceram na América Latina, foi produzida por uma pequena minoria educada, em meio a uma sociedade de maioria analfabeta e discriminada. Novamente Lafaye:

A história da cultura cujas principais características tentaremos descrever por meio das obras que produziu foi, evidentemente, apenas a da pequena minoria de uma classe urbana educada, em meio a uma minoria criolla, ela própria muito pequena em proporção à população total das Índias. (Lafaye, 1998, p. 618).

Mesmo com uma série de limitações, as sociedades coloniais da América presenciaram o surgimento de escritores e artistas criadores de grandes obras. A disparidade entre a minoria *criolla* em relação à população total das Índias só faz

ressaltar a pluralidade de escritos e publicações, e em muitos casos, seu alto nível de qualidade. Quanto à abrangência do fenômeno cultural *criollo*, algumas obras, mesmo produzidas por escritores nascidos na Europa, eram consideradas *criollas*, levando-se em consideração o tema, e a relação do autor com o novo continente.

...a literatura do Novo Mundo era notável tanto pela quantidade quanto muitas vezes pela qualidade. Se chamamos de crioulas algumas obras ainda que seus autores não fossem crioulos americanos no sentido estrito do termo (pois nasceram na Europa), é porque os fenômenos culturais não podem ser avaliados apenas por critérios biológicos ou geográficos. Entre os veteranos da conquista e da evangelização do Novo Mundo desenvolveu-se rapidamente uma percepção de quão diferentes eram dos espanhóis da Europa, e sobretudo dos europeus recém chegados ao solo americano. (Lafaye, 1998. p. 618).

Sobre este aspecto, o autor exemplifica:

Quando por volta de 1850, o dominicano Diego Durán, nascido na Espanha, mas chegado ao México ainda criança, escreveu o prefácio de sua História de las Indias, declarou sua intenção de limpar o nome de sua “terra natal” (ou seja, a Nova Espanha), que havia sido enlameado por julgamentos apressados e críticos de espanhóis recém desembarcados. (Lafaye, 1998. p. 619).

Na rica literatura produzida entre os séculos XVI e XVIII, podem-se distinguir diferentes estágios. Primeiro a fundação da sociedade colonial, caracterizada pelas crônicas e epopéias, obras sobre o ambiente natural, obras sobre o mundo nativo e seu passado. Depois, especialmente durante o século XVII, a era heróica da conquista militar e espiritual é seguida do período de exploração, acumulação de riquezas e exibição do luxo, bem como de transformações na cultura e na mentalidade.

Podemos observar isto através de uma forma mais autêntica de literatura, tendo como exemplos os poemas de Bernardo de Balbuena, de Juana Inés de La Cruz, e nas publicações de Sigüenza Y Góngora. Estes e outros escritores iniciaram uma nova tendência literária, o barroco, com seu gosto pela sutileza e refinamento de vocabulário. Entretanto, o barroco é mais perceptível no teatro e na arquitetura. Sobre o surgimento do barroco, Janice Theodoro afirma:

Sobreviventes ao confronto, indígenas e europeus reconciliaram-se à medida em que ambos aprenderam manipular determinadas formas de

representação capazes de transformar o conflito em convivência pacífica. A fragmentação e a dispersão dos acervos culturais indígenas encontraram no barroco espaço para manifestar-se. Assim, o barroco constitui-se em paradigma da cultura latino-americana. A cultura indígena, fragmentada, apropriou-se do movimento típico da estética barroca, cristalizando-a. (Silva, 1992, p. 10).

Mas é no final do século XVIII que as transformações históricas trarão a tona um sentido de identidade totalmente novo, revelado através das “literaturas de Independência”, produtos de uma luta ideológica comum, cujos autores clamavam por liberdade e unidade nacional. A influência das idéias iluministas representou uma nova visão do mundo, do homem e da sociedade, principalmente através dos primeiros periódicos escritos pelos futuros teóricos dos movimentos de independência. Obras como as de Francisco Javier Clavijero, e José Joaquín Fernández de Lizardi, ambos perseguidos pelas autoridades, preparam a mente dos homens para este novo processo.

A literatura pode reivindicar, creio, um sentido político libertador, uma vez que contribua a revelar a realidade em suas dimensões múltiplas, e que de algum modo alimente a identidade coletiva ou resgate a memória da comunidade que a gera, seja qual for o seu tema. (Galeano, 1990, p. 40).

Dentre as características da literatura que iremos analisar, percebe-se uma implícita crise identitária, desde a literatura colonial, até a literatura romântica. Isto revela que já há muito tempo a questão da identidade para os latino-americanos é conflitante e paradoxal, com nos confirma Stuart Hall:

As tendências são demasiadamente recentes e ambíguas. O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. (Hall, 2006, p.8).

Ainda hoje há uma grande discussão em torno da existência de uma identidade que ultrapasse os limites de "nacionalidades" uma vez que as nações latino-americanas possuem um passado colonial comum. É verdade que na América Latina coexistem sociedades de diversas origens, diferentes características e agudos desníveis de desenvolvimento. Segundo Eduardo Galeano,

Não se pode falar da cultura “latino-americana” do mesmo modo que não se poderia falar da “cultura” sem mencionar uma abstração vazia. Mas uma

moldura comum ampara as infinitas culturas, inimigas ou complementares que fervem em nossas terras... Nessa moldura comum, esse espaço comum, esse comum campo de batalha é histórico. Provém do passado, se alimenta do presente, e se projeta como necessidade e esperança rumo aos tempos que virão. Desafiadoramente sobreviveu, embora tenha sido várias vezes machucada ou quebrada pelos mesmos interesses que sublinham nossas diferenças para ocultar as nossas identidades. (Galeano, 1990, p. 34).

Sandra Pesavento nos apresenta a seguinte definição de cultura:

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma ação valorativa. (Pesavento, 2005, p. 15).

Diante disto, mesmo que este trabalho aborde um contexto geral, não devemos ignorar as diferenças culturais entre os diversos países que compõe a América Latina. Os autores aqui analisados provêm de realidades que podem ser totalmente distintas umas das outras. Dessa forma, a questão da “cultura” estará presente em todas as etapas deste trabalho.

## 2 BREVE ANÁLISE DA LITERATURA PRODUZIDA NA AMÉRICA – SÉCULOS XVI e XVII.

Para muitos autores e pesquisadores, a Literatura Colonial não pode ser considerada parte da literatura latino-americana, pois se tratam de registros iniciais, feitos durante ou pouco depois do período da descoberta, por desbravadores espanhóis motivados pelo espanto e admiração com o Novo Mundo. Entretanto, a análise dessas produções literárias se faz necessária para compreendermos a evolução da literatura produzida na América, juntamente com a evolução do sentido de identidade. Sobre este fato, os autores Juan Carlos Rodríguez e Álvaro Salvador argumentam:

Podría pensarse que la “literatura colonial” es literatura hispanoamericana, pero, como ya hemos expuesto, nos inclinamos por la teoría que define que esta literatura es literatura española de esos siglos, escrita en una zona geográfica distinta de la de la Península. No hay ninguna diferencia entre los modos literarios practicados por un Góngora o un Quevedo y, em general, los utilizados por los escritores que viven y desarrollan su obra a partir de los Virreinos de Hispanoamérica. (Rodríguez e Salvador, 2005. p. 13).

É importante salientar que, além da diversidade de origens dos conquistadores da América, havia uma grande variedade em seu nível cultural. Enquanto a vasta maioria era completamente analfabeta, apenas alguns, segundo Lafaye, “foram capazes de depor suas espadas no campo de batalha à noite e pegar suas penas”. Por essa razão, aqui, podemos limitar nossa análise aos escritos de três desbravadores europeus: Cristóvão Colombo, Alvar Núñez Cabeza de Vaca e Bartolomé de Las Casas.

## 2.1 Os primeiros registros

Para a maioria dos historiadores, Cristóvão Colombo (1451-1506) produziu os registros mais fiéis da descoberta do Novo Mundo. Seus diários e cartas foram transcritos por muitos outros desbravadores, inclusive por Las Casas. Além de descrever os pormenores da empresa, o almirante detalha aspectos naturais e geográficos, como também registra diariamente dados sobre o tempo, comentários pessoais ou relacionados aos povos encontrados. Sobre isto, Jacques Lafaye comenta:

O diário de bordo de Cristóvão Colombo, onde descreve a paisagem das ilhas Lucayos e de Santo Domingo e retrata os índios tainos da região, que prestaram uma idílica acolhida aos europeus, constitui uma esplêndida abertura para uma série de relatos sobre um mundo natural e uma raça de homens até então desconhecidos. Foi na primeira carta de Colombo (impressa em latim em Roma, em 1493) que nasce a concepção europeia de Novo Mundo. (Lafaye, 1998, p. 595).

Porém o tema que mais aparece em seus diários refere-se aos fenômenos naturais, que lhe causam assombro e admiração. Assim, o Almirante mostrou-se um minucioso observador da natureza.

Os escritos de Colombo, e particularmente o diário da primeira viagem, revelam uma atenção constante a todos os fenômenos naturais. Peixes e pássaros, plantas e animais são as principais personagens das aventuras que conta; deixou-nos descrições detalhadas. (Todorov, 2003, p. 24).

Segundo Todorov, os diários de Colombo e suas cartas revelam muito de sua personalidade, sua formação intelectual e de seus objetivos. Os relatos de Colombo possuem características peculiares: suas crenças influenciam suas interpretações, sendo que ele afirma com veemência já saber o que vai encontrar nas novas terras. Registra suas impressões conforme lhe convém, da forma que melhor agrada os reis espanhóis ou estimule seus marinheiros, mesmo que nem sempre as informações estejam de acordo com a realidade. Além disso, suas convicções são sempre anteriores à experiência, ou seja, obedecem a preceitos anteriormente definidos por pensadores ou sábios teólogos europeus.

Colombo não tem nada de um empirista moderno: o argumento decisivo é o argumento de autoridade, não o da experiência. Ele sabe de antemão o que vai encontrar; a experiência concreta está aí para ilustrar uma verdade que

se possui, não para ser investigada, de acordo com regras preestabelecidas, em vista de uma procura da verdade. (Todorov, 2003, p. 23).

Todorov ainda exemplifica:

Durante a terceira viagem, num certo momento, Colombo se pergunta sobre a origem das pérolas que os índios às vezes lhe trazem. A coisa acontece na sua frente, mas o que ele relata em seu diário é a explicação de Plínio, tirada de um livro: “Próximo ao mar havia inumeráveis ostras presas aos galhos das árvores que cresciam no mar, com a boca aberta para receber o orvalho que cai das folhas, esperando que caísse uma gota para dar origem às pérolas”. (Todorov, 2003, p. 23).

Muito se discute sobre as reais intenções de Colombo ao empreender esta grande viagem e ao desbravar terras desconhecidas. Em suas cartas, várias vezes cita a procura por ouro e riquezas. Outras vezes expressa o objetivo de expandir o cristianismo a outros povos. Para Todorov, a promessa de riquezas nas cartas de Colombo era uma forma de estimular os reis de Espanha a continuar com este empreendimento, e também de dar conforto aos marinheiros já cansados da longa viagem.

Os marinheiros não são os únicos que esperam enriquecer. Os próprios mandatários da expedição, os Reis de Espanha, não se teriam envolvido na empresa se não fosse a promessa de lucro. Portanto, no diário que Colombo escreve, a eles destinado, é preciso multiplicar a cada página os indícios da presença de ouro (na falta do próprio ouro). Na terceira viagem, lembrando a organização da primeira, ele diz explicitamente que o ouro é uma espécie de chamariz, para que os reis aceitassem financiá-la. (Todorov, 2003, p. 11).

Ou seria seu verdadeiro objetivo simplesmente “descobrir” novas terras? Sabe-se que Colombo promoveu suas viagens motivado pela leitura dos relatos de Marco Polo. Segundo seus diários, o simples fato de descobrir e ver com os próprios olhos coisas inimagináveis à maioria dos europeus revela-se um prazer. A atividade é importante por si só, e não um meio para chegar-se a determinado fim.

Assim como, para o homem moderno, uma coisa, uma ação ou um ser são belos apenas quando justificam-se por si mesmos, para Colombo, “descobrir” é uma ação intransitiva. (Todorov, 2003, p. 16).

Sejam quais forem suas razões, Colombo é um total estranho, e não poderia ser diferente. Não existe nada que o ligue ao Novo Mundo, a não ser o fato de tê-lo

descoberto. Para muitos, Colombo deu início à Era Moderna. Para nossa análise, seus registros são o ponto inicial uma série de produções literárias na América.

Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1490-1560), o segundo cronista do qual iremos falar, também contribuiu muito para o conhecimento do Novo Mundo, principalmente por sua convivência forçada com os nativos. Seus surpreendentes relatos mostram uma nova imagem da América.

Cabeza de Vaca foi um cavaleiro andaluz que participou da expedição de Pánfilo Narváez, mas seu navio acabou naufragando na baía de Tampa, na Flórida. Acompanhado de três companheiros sobreviventes, permaneceu perdido durante dez anos, sendo que nos três últimos empreendeu uma jornada onde atravessou as imensas regiões do Texas, Sonora, partes da Califórnia, até chegar ao México, onde ele foi resgatado. O retorno ao México via Califórnia foi o pano de fundo de seus relatos. Durante a travessia, deparou-se com povos que habitavam o golfo da Flórida e índios caraíbas, que segundo seus escritos, eram muito bem armados e nada amigáveis. Nesta situação, o cavaleiro teve de se adaptar para sair ileso de inúmeras atribulações e perigos que sofreu, segundo nos conta Lafaye:

Durante os três anos de sua odisséia, foi sucessivamente conquistador (mas apenas por breve período), mascate, escravo de senhores índios e xamã; finalmente foi resgatado por um grupo de espanhóis no norte do México. (Lafaye, 1998, p. 595).

Também afirmam Rodríguez e Salvador:

Como deja de ser el conquistador para pasar a convertirse simplemente en el hombre desasistido frente a un médio hostil. Atraviesa por una serie de peripécias literalmente increíbles, sufre enfermedades y hambre hasta el punto de tener que devorar a sus compañeros muertos para poder sobrevivir, y se convierte así en el antípoda exacto del héroe, del caballero, en una suerte de Polifemo devorador de hombres, tan típico de las leyendas europeas. Cuando es capturado por unos índios vive como cautivo y esclavo, prácticamente como un animal, mientras que con otros, valiéndose de estrategias o haciéndose pasar por médico o mago, es considerado como un dios. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 25-26).

Tais como estas, muitas outras situações foram narradas detalhadamente. Mas o que nos chama atenção nos registros de Cabeza de Vaca é o fato de ele enxergar a realidade de outra forma, devido à sua situação. Ao naufragar com seus

homens, ele se converte apenas em um “branco” indefeso, que enfrenta os índios e a natureza selvagem. Assim, seu discurso não é o de alguém que simplesmente “vê de fora”, mas de alguém que, aos poucos, conhece e integra-se ao meio. Conforme Rodríguez e Salvador (2005, p. 26) “Después de tantos años y en esas condiciones de vida llega a convertirse practicamente en un índio más”.

Por ter sido inserido abruptamente ao meio, Cabeza de Vaca torna-se o “conquistador conquistado”. Após sua jornada, é visto de forma diferente, quase mítica, tanto pelos índios, quanto por seus compatriotas. Em seus escritos vê-se a necessidade de construir um discurso novo, adequado à nova realidade que enfrentou. Não podemos singularizar o caso de Cabeza de Vaca: houve muitos outros desbravadores que passaram pela mesma experiência, porém ele foi o único que deixou um diário que constitui uma preciosa fonte etnográfica.

A história do frei Bartolomé de Las Casas na América se inicia em 1502, quando desembarca na Isla de Hispanola, atual República Dominicana, onde recebe seu primeiro lote de índios. Segue para Cuba, Jamaica e outras ilhas, acompanhando Pánfilo de Narváes e outros conquistadores em suas expedições. Choca-se com a violência descontrolada dos espanhóis contra os índios em sua sede por riquezas. Por volta de 1515, renuncia ao seu lote em Cuba, e se dedica totalmente a causa indígena, mas continua acompanhando as conquistas em terra firme (Nicarágua, Nova Espanha, Guatemala, México, Venezuela, Peru), redigindo constantes relatos das atrocidades cometidas contra as populações nativas. Seus escritos permanecerão para a posteridade, conforme afirma Héctor Bruit:

Sem Las Casas, a conquista hispânica e a estruturação da sociedade hispano-indígena do século XVI seriam incompreensíveis. Sua marca indelével nesses processos foi tão profunda que um dos maiores estudiosos contemporâneos do Frade escreveu, cheio de convicção: “Trata-se de um homem cujos atos mudaram o curso da história da América”. (Bruit, 1995, p. 59).

Em suas várias viagens à Espanha, Las Casas procura sensibilizar políticos, bispos, e o próprio rei D. Fernando, mas estes ignoram seus protestos. Suas tentativas de colonizar terras indígenas pacificamente acabaram por fracassar, mas sua luta não cessou. Passou a viajar pelas províncias americanas discursando em

favor dos indígenas, e até mesmo participando de rebeliões pela causa. Após muitas lutas, consegue pequenos resultados, como o apoio de alguns governadores de província pela redução pacífica dos índios; as famosas *Leyes Nuevas* que amenizam a situação indígena; e sua indicação para Bispo de Chiapas, título que recebeu em 1544. Desiludido pelos conflitos com vice-reis e encomenderos, Las Casas retorna à Espanha em 1547. Não retorna mais ao novo mundo, mas continua com sua luta através das obras literárias que passa a produzir. Em 1552, publica, em Sevilha, a polêmica *Brevíssima Relación de La Destrucción de las Índias Occidentales*.

Dizem que era lindo vê-lo escrever, com sua túnica branca, sentado na cadeira de couro e tachas, com a mão fazendo dançar a pluma de ave, já que escrevia sempre devagar. De repente, levantava-se da cadeira, como se ela o queimasse: apertava a fronte com as mãos, andava por seu quarto em grandes passadas, o rosto atormentado, como padecendo de uma dor profunda. Era que estava escrevendo, em seu livro famoso sobre a Destrucción de Las Índias, os horrores que viu nas Américas quando chegou a gente da conquista. Os olhos se incendiavam no rosto coberto de lágrimas... (Martí, 1891 apud Las Casas, 2007, p. 16).

Ao analisarmos o discurso de Bartolomé de Las Casas, observamos que suas obras condenam com veemência a violência utilizada pelos espanhóis na conquista da América, e defendem com fervor os direitos de justiça e humanidade dos indígenas americanos, os quais enxerga como iguais, justificando a cultura e os costumes dos nativos, elementos tão estranhos aos olhos dos europeus. Assim, a obra "*Brevíssima Relación de la Destrucción de las Índias*" torna-se um marco em sua época. Diante da literatura de Las Casas, o que nos pode parecer contraditório é que este não abandona seus ideais de colonização. Como religioso disposto a comprovar sua fé, ele acredita que os hábitos indígenas não deveriam ser punidos, e sim modificados através da ação da fé cristã.

Existem diversos autores contemporâneos com diferentes posicionamentos em relação à pessoa e aos objetivos de Las Casas. Alguns o enxergam como um cronista que afirma a fraqueza da população nativa americana, reforçando assim sua "vocaçãõ à escravidão". Outra perspectiva é a de Todorov (1993), em seu livro "A conquista da América: a questão do outro" onde Las Casas é visto como um amante dos índios, mesmo sem conhecer a fundo sua cultura.

Las Casas conhece os índios menos do que Cortez, e gosta mais deles; os dois se encontram em sua política comum de assimilação. O conhecimento não implica o amor, nem o inverso; e nenhum dos dois implica, ou é implicado, pela identificação com o outro. Conquistar, amar e conhecer são comportamentos autônomos e, de certo modo, elementares [...]. (Todorov, 1993, p.184).

Las Casas coloca a igualdade como fundamento de qualquer política humana, segundo revelam seus escritos. Essa igualdade se faria em nome da religião cristã, uma vez que as leis e regras naturais e os direitos dos homens são decididos por ela. Estas leis e regras naturais passam pela interpretação de Las Casas diferentemente da interpretação de outros cronistas da época.

Em seu discurso nota-se uma tentativa de identificação biológica entre indígenas e espanhóis, justificada pelo estado de pureza em que foram encontrados no novo mundo, e a facilidade com que poderiam ser convertidos à fé cristã. Projetava sobre eles o ideal de vida da Idade do Ouro, tão louvada por escritores e poetas, remontando aos tempos em que Adão vivia seu estado de mais pura inocência. Foi essa a forma que Las Casas encontrou de aproximar índios e espanhóis: consegue encontrar semelhanças biológicas, utilizando a religião como pano de fundo. Quanto a isto, Todorov afirma:

A identidade biológica passa a acarretar uma espécie de identidade cultural (diante da religião)... E é como observação empírica que aparecerá a afirmação, incansavelmente repetida, de que os índios já possuem traços cristãos e que aspiram ao reconhecimento de sua cristandade um tanto quanto "selvagem". (Todorov, 2003, p. 237).

É comum encontrarmos nos textos de Las Casas comparações entre os índios e os espanhóis, o que torna seus argumentos mais concretos:

Se os mouros ou turcos tivessem vindo fazer aos índios o mesmo Requerimiento, afirmando que Maomé é o senhor e criador do mundo e dos homens, será que teriam de acreditar neles? (1951, p. 58 apud Todorov, 2003, p. 236).

Desta forma, percebe-se o início de uma expressão de identificação, mesmo que esta seja no sentido de justificar a cultura indígena para os espanhóis, e fundi-la com a religiosidade cristã. É importante ressaltar que o sentido de "identidade" não se refere apenas a cultura nativa da América, mas sim às modificações e fusões

entre as inúmeras culturas latino-americanas, sem deixarmos de lado a cultura espanhola, e a forma como isto se configura no decorrer da história. Para Stuart Hall, a identidade é algo que pode ser formado e modificado ao longo do tempo, sob influência dos agentes externos:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (Hall, 2006, p. 38)

No caso dos primeiros cronistas, existe uma identificação com o meio e com os indivíduos, principalmente em Cabeza de Vaca e Bartolomé de Las Casas, mas trata-se de um processo em transformação. Esses homens ainda estão culturalmente ligados ao velho Mundo.

## 2.2 As primeiras obras do século XVI escritas por criollos

Quando falamos das obras literárias que surgem ao final do século XVI, ainda não podemos chamá-las de *criollas*. Mesmo que seus autores tenham nascido na América e sejam, de fato, *criollos*, estes foram educados ao modo europeu. Entretanto, pode-se perceber que os temas e estilos de texto vão tomando outras formas. No lugar da curiosidade e admiração com o novo, aparecem os estudos e os romances. Na literatura estas mudanças irão se refletir com o aparecimento da etnografia na obra de Bernardino de Sahagún, dos épicos de conquista, como La Araucana de Alonso de Ercilla, e da historiografia das Índias com Garcilaso de la Vega.

Bernardino de Sahagún (1500 -1590) foi um missionário franciscano que escreveu *História general de las cosas de la Nueva España*, considerada a mais completa obra etnográfica da América colonial. Sabe-se que Sahagún dedicou muitos anos de sua vida a essa obra, mas não se sabe exatamente o ano em que ela foi terminada. Trata-se de uma enciclopédia sobre o México, onde as informações dadas pelos índios eram traduzidas, segundo nos explica Lafaye:

Os manuscritos (inéditos até meados do século XX) têm a característica singular (mas não excepcional) de estar dispostos em colunas: uma contém a transcrição do relato dado pelos informantes índios na língua náhuatl e a outra traz uma tradução linha por linha em espanhol; e a terceira coluna, deixada em branco, destinava-se a receber uma tradução em latim. (Lafaye, 1998, p. 598).

Sahagún chega ao México em 1529, passando a lecionar gramática para os jovens das elites *criollas* no Colégio de Tlatelolco. Segundo Todorov “é notável o fato da instrução ser recíproca: enquanto introduz os jovens mexicanos nas sutilezas da gramática latina, Sahagún aproveita esse contato para aperfeiçoar seu conhecimento da língua e da cultura náhuatl”. Seus progressos causam polêmica e críticas, às quais rebatia dizendo que era necessário conhecer os costumes daqueles que seriam convertidos, assim como um médico precisa conhecer o doente para curar sua doença. Entretanto, converter os indígenas ao cristianismo não é seu único objetivo. Em determinado momento, a prática da catequização se tornará secundária, em relação ao desejo de conhecer e preservar a cultura *náhuatl*. Isto será visível na prioridade que a língua *náhuatl* irá adquirir em sua obra, como também os desenhos referentes aos relatos indígenas. Para isto, Sahagún utiliza uma prática muito coerente: a de confrontar informações recebidas de sábios indígenas com a tradução e os desenhos de seus melhores alunos. Sobre isto, Todorov nos conta:

Durante sua estada em Tepepulco, de 1558 a 1560, reúne à sua volta alguns notáveis da cidade. “Expus diante deles o que me propunha a fazer e pedi-lhes que me fornecessem algumas pessoas hábeis e experientes, com as quais eu pudesse discutir, e que estivessem aptas a satisfazer-me em tudo o que eu lhes pedisse” (II, “Prólogo”). Os notáveis se retiram e voltam no dia seguinte com uma lista de doze anciões particularmente peritos nos assuntos mais antigos. Sahagún, por sua vez, convoca seus quatro melhores alunos do colégio de Tlatelolco. “Durante quase dois anos discutia frequentemente com aqueles notáveis e gramáticos, igualmente gente de qualidade, segundo o plano que tinha feito. Puseram em imagens o que constituía o assunto de nossas entrevistas (pois essa era a escrita que utilizavam noutros tempos), e os gramáticos formulavam-no em sua língua, escrevendo abaixo do desenho” (ibid.). (1956, II, “Prólogo” apud Todorov 2003, p. 328).

Além de todo esse processo, Sahagún também consultava os antigos códices mexicanos.

As práticas de pesquisa de Sahagún para a composição de sua obra são fundamentais para que ela se torne única e original. Mais que um instrumento de conversão, seus escritos são um estudo cultural etnográfico, com inserção no ambiente de pesquisa. Entretanto, este trabalho, no qual gastou cerca de vinte anos de sua vida, foi dificultado pelos governadores em inúmeras ocasiões, e em 1577 foi confiscado pela Igreja. Sahagún morre sem ver sua obra difundida, o que só ocorrerá no século XX.

Alonso de Ercilla (1533-1594) foi um cortesão destacado, muito ligado à realeza, e sua posição favoreceu seu desenvolvimento intelectual. Ele faz parte de um grupo de escritores que, apesar da forte influência europeia, produziram obras genuinamente criativas. Seus grandes poemas épicos não eram meras imitações. Traziam uma temática totalmente nova, que tratava, sobretudo, da conquista espanhola no Novo Mundo. Ou seja, a América espanhola ofereceu as temáticas necessárias à produção desse tipo de gênero, de forma abundante e variada.

*La Araucana* é considerada a grande epopéia hispanoamericana, num momento em que as elites letradas tomaram gosto especial pela literatura épica, que na Europa era apreciada desde a antiguidade.

O gênero épico na América não pode ser considerado totalmente original, já que já havia sido explorado de todas as formas na Europa. O que pode ser considerado novo são alguns elementos encontrados nos poemas, como no caso de Ercilla, mesmo sem apresentar a perfeição estilística conforme o gosto da época.

[...] Pero de cualquier modo, si hay dos elementos completamente nuevos que, al menos, revitalizam el género, haciéndolo alcanzar, como en el caso de Ercilla, cotas de calidad muy altas. El primer elemento sería precisamente la novedad de las temáticas, de los asuntos cantados, y el segundo estuvo directamente relacionado con el primero, pues se trataba de la inmediatez de los acontecimientos que el poeta pretendía exaltar en su obra. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 38).

*La Araucana* é um poema onde um aventureiro espanhol narra a guerra contra os índios araucanos do Chile. O objetivo inicial da obra é o de enaltecer o valor e a destreza militar dos espanhóis na conquista. Porém, a obra acabou recebendo uma série de diferentes interpretações que revelam a exaltação dos

valores indígenas em diversos pontos do texto, bem como versos de exaltação ao próprio Chile. Além disso, a obra possui uma série de características particulares, entre as quais podemos destacar a participação do autor como personagem, já que este participou do processo de conquista; a presença de elementos sobrenaturais da cultura indígena; e a ausência de um herói central responsável pelo desenrolar da epopéia.

O terceiro autor deste grupo é Garcilaso de La Vega, também denominado El Inca Garcilaso (1539-1616), pois pertence à primeira geração de mestiços americanos. Juntamente com outros autores criollos, foi responsável pela historiografias das Índias.

Filho de uma nobre inca, e de um conquistador espanhol, Garcilaso é criado na cultura e língua quíchua até os doze anos. Após a morte de seu pai, viaja para a Espanha e não volta mais para a América. Lá ele recebe educação européia, participa de guerras contra os mouros e escreve sua obra *Comentários reales de los Incas*. Lafaye afirma:

Os *Comentários reales de los Incas* (Córdoba, 1609) de Garcilaso são um exemplo perfeito da assimilação do estilo e métodos do humanismo europeu contemporâneo aplicado a um tema pré-colombiano. A obra, em sua dimensão, sua estrutura equilibrada e seu domínio de estilo, é um produto puro da alta cultura espanhola da época; foi na Andaluzia que esse descendente dos incas aprimorou a formação que recebera em Lima. (Lafaye, 1998, p. 620).

O Inca Garcilaso tem consciência de sua linhagem real por parte de mãe e de seu parentesco com o grande poeta espanhol Garcilaso de La Vega. Assim, logo é envolvido pela ideologia européia e é partindo dela que escreve seus livros. Garcilaso é um dos maiores exemplos de aculturação, pois trilhou o caminho contrário: nasceu no Peru e recebeu educação americana, partindo depois para a Espanha, reeducando-se como europeu. Este fato se reflete em *Comentários reales*, onde descreve, como mero espectador, os conflitos, os costumes, a organização social e política do regime inca. Quanto à relação da aculturação de Garcilaso com a obra acima citada, Rodríguez e Salvador comentam:

Dos son los rasgos fundamentales que pueden caracterizar esta obra: el hecho de que la obra de Garcilaso sea la de un hombre que ha recorrido el camino inverso, es decir, de un hombre nacido y educado en el Nuevo Mundo, pero que escribe cuando ha “descubierto” y se ha “reeducado” en el antiguo y, en el segundo lugar, el que la parte fundamental de su obra está dedicada a Perú. Este último aspecto no suele tenerse muy en cuenta, sobre todo en su sentido histórico-concreto. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 33-34).

A busca de reconhecimento sempre foi uma pretensão revelada através de suas obras. *Historia General del Peru*, por exemplo, mostra a estrutura da aristocracia dos incas e a relaciona com a aristocracia espanhola. Assim, o Inca Garcilaso de La Vega procura identificar valores que aproximem incas e europeus, e que, ao mesmo tempo, tornem autêntica sua linhagem real. Um exemplo disso é a relação que faz entre a religião inca e a religião cristã, dizendo que somente o trabalho civilizador do povo inca sobre os outros povos bárbaros permitiu que o cristianismo pudesse se estender ao Peru.

Pues bien, dentro de ese pueblo también “elegido” por Dios, Gracilazo ocupaba por derecho de sangre” un lugar muy elevado en la jerarquía. Si, las tesis de Gracilazo se aceptaban, él era un noble. Y no se trata sólo de la materialidad del título, sino que aquí se produce un doble funcionamiento: sus libros no sólo buscaron la “fama” propia del escritor de éxito, sino que, de alguna manera, la aceptación de su obra era también el reconocimiento implícito de su “nobleza”, al menos de linaje, de sangre. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 35).

Por esses motivos, as obras de Garcilaso podem receber interpretações diferenciadas. Por um lado, destaca-se o desejo de reconhecimento do autor, por outro, a valorização de uma cultura dominada pelos espanhóis. Séculos depois, com as primeiras idéias nacionalistas, seus livros se tornaram suspeitos perante os governantes espanhóis na América, uma vez que também poderiam ser interpretados como “obras patrióticas”.

Nos três casos analisados, podemos notar algumas particularidades em relação ao processo de formação da identidade. Primeiro em Sahagún, cuja grandiosa obra tem o claro objetivo de conhecer e preservar a cultura *náhuatl*, além de identificar a religiosidade indígena com a cristã. Para Todorov, conhecer e preservar a nova cultura resulta em amá-la. Existe em Sahagún uma ação proposital de conhecer e proteger uma cultura, no qual a identificação torna-se evidente, diferentemente de Alonso de Ercilla, cuja obra produzida com o intuito de

engrandecer os espanhóis, acaba por elogiar a cultura nativa, sem ser este o principal objetivo. Já o Inca Garcilaso trilha um caminho completamente diferenciado: é um *criollo* aculturado como europeu, e sua obra desperta dúvidas em relação ao seu verdadeiro objetivo. Seria o de valorizar sua identidade cultural, ou de engrandecer a si mesmo como um nobre inca? Estariam os dois objetivos unidos em um só?



### 3 O FLORECIMENTO INTELECTUAL *CRIOLLO* NO SÉCULO XVII

Nas últimas décadas do século XVI e início do século XVII a literatura diversifica-se amplamente, influenciada pelas mudanças econômicas e sociais ocorridas neste período histórico.

A crise interna da Espanha refletia-se na colônia. A metrópole, durante toda a época de colonização, deixou de estimular seu crescimento econômico interno, satisfazendo-se com recursos fornecidos pela América. Sobre a crise na Espanha, Bárbara e Stanley Stein afirmam:

A exploração das colônias americanas, México e Peru, tornara desnecessária a reestruturação de uma Espanha caracterizada pela prevalência de estruturas econômicas e sociais semifeudais, baseadas na posse da terra e aristocráticas. Não se trata, pois, de uma simples atrofia: em verdade, se os setores produtivos essenciais contraíram-se, determinados setores consumidores – a aristocracia, a burocracia, as ocupações voltadas para a prestação de serviços, a Igreja – floresceram. Os sintomas patológicos gerados por esse processo podiam ser vistos, quer no governo, quer na sociedade e na economia, no novo e no velho continentes. (Stein e Stein, 1989, p. 24-25).

Pouco a pouco, a América foi se emancipando economicamente da Espanha, pois a mineração deu origem também a outras atividades econômicas, como a agricultura, a indústria artesanal e o comércio entre as colônias, sobre as quais a metrópole não pode exercer total controle. Nesse contexto, viveu-se um período de crescimento comercial e urbano que beneficiou a uma nova classe: a elite *criolla*.

A mineração criou, igualmente, um mercado interno voltado para o consumo da produção colonial de têxteis de lã e algodão elaborados por artesãos individuais. Apesar das proibições, essa produção artesanal expandiu-se bastante, já que os atacadistas importadores-exportadores manipulavam

unicamente as lãs e sedas de excelente qualidade e altos preços fornecidas pela Europa ocidental ou pelo Extremo Oriente. (Stein e Stein, 1989, p. 31).

A realidade cultural da colônia modifica-se, uma vez que aparece uma classe social com pretensões aristocráticas. No século XVII “mais universidades foram criadas em Córdoba, em La Plata, em Cuzco e em Santiago do Chile”. (Lafaye, 1998, p.606). A educação superior, antes privilégio dos espanhóis e das elites *criollas*, agora também era permitida aos índios nobres.

A importação e circulação de livros aumentam significativamente na colônia, e mais tarde, começam a ser impressos periódicos.

Os colégios e as universidades eram os instrumentos básicos da educação pública e do progresso do ensino, mas não eram os únicos. Que a monarquia, e em especial seus representantes no Novo Mundo, as ordens religiosas, estavam conscientes disso, é evidente pelo próprio fato de terem estimulado a importação de livros e a instalação de prensas de impressão. Havia por certo um controle sobre a circulação e venda de livros, mas apesar disso os fatos são eloqüentes: os inventários das bibliotecas particulares mostram, por exemplo, que as obras de Erasmo, Petrarca e Boccaccio haviam chegado à América antes de 1540. (Lafaye, 1998, p. 608).

É certo que muitas obras de ficção, temas fantásticos e profanos foram proibidas pelo efeito que poderiam causar no imaginário indígena. Mas as instruções do governo e da igreja foram infrutíferas, sendo que o contrabando e circulação clandestina de livros expandiram-se consideravelmente.

Na sociedade, a estrutura de relações se modificou devido ao aumento da mestiçagem, ao acesso de índios e mestiços de posição mais elevada às instituições educacionais e comerciais. Não se pode dizer que ali existia uma identidade cultural defendida pelos *criollos*, embora estes já tivessem consciência de pertencerem a uma sociedade que não era exclusivamente espanhola, tampouco indígena. Valorizava-se a educação européia, os usos e costumes do Velho Mundo. Foi na literatura desse período que os primeiros traços da exaltação *criolla* apareceram com mais clareza. Estilos peculiares, a utilização da língua indígena e a curiosidade pelas ciências aparecerão nas páginas das obras, juntamente com a descrição da exuberância da sociedade *criolla*.

### 3.1 A sociedade *criolla* nas páginas dos livros.

Na literatura *criolla* aparecem obras que exaltam as novas cidades Índias e suas pretensões aristocráticas. Eram, em sua maioria, poemas que retratavam a vida luxuosa das elites *criollas*, descrevendo os grandes centros urbanos, pessoas, posses, costumes, vestimentas. Cidade do México e Lima eram os principais exemplos.

Um cronista anônimo, “O Judeu Português”, descreveu Lima na mesma época como “um paraíso terrestre para os senhores [crioulos]”, que desfilavam pelas ruas a cavalo vestidos de seda e com as roupas mais finas de Segóvia, enquanto suas esposas iam cumprir seus compromissos sociais carregadas em liteiras. A Alameda de Lima era tão esplêndida quanto a de Cidade do México. (Lafaye, 1998, p. 621).

O esplendor e a riqueza dessas cidades mudaram totalmente a inspiração dos poetas, originando a poesia cortesã. Além dessa temática, a literatura incluirá obras de inspiração religiosa, de exaltação à abundância de riquezas na América, e ainda a mistura das línguas indígena e africana. O Barroco floresce com força.

É importante citarmos aqui também o aparecimento dos grandes autores *criollos* do teatro e das comédias teatrais, cujo sucesso precoce desempenhou um importante papel na cultura *criolla*.

Como foi dito anteriormente, a exaltação da riqueza das elites na literatura foram resultados das transformações econômicas e sociais do período. Um dos principais representantes desse gênero foi o poeta Bernardo de Balbuena (1562-1627) em sua obra intitulada *Grandeza mexicana*, escrito em 1602, onde canta a elegância dos cavaleiros com seus arreios de prata, os vestidos e as maneiras finas das mulheres, o esplendor dos palácios públicos e particulares, os esportes equestres, as procissões, as representações teatrais, os casamentos dos nobres.

Balbuena nasce na Espanha e chega a América com 22 anos. No México é ordenado sacerdote e lá vive durante muitos anos. Em 1606 volta para a Espanha sem mais retornar à América. O autor não é um *criollo* (do ponto de vista biológico),

mas sua obra enaltece a sociedade suntuosa que se formou, elogiando as elites *criollas* e o vice-reino.

A poesia cortesã, sobretudo a poesia do amor cortesão, vem substituir a epopéia no gosto popular e na inspiração dos poetas, que agora incluem mulheres, como doña Leonor de Ovando. Numa época em que a maioria absoluta das mulheres era analfabeta, Leonor foi a primeira poetiza da América. Mas entre as poetas mulheres, quem realmente se destacou foi Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), considerada “a nova fênix americana” por seus contemporâneos e “a primavera índia” por Balbuena.

Filha de pai espanhol e mãe crioula, Juana foi enviada à corte aos dezesseis anos, como era de praxe acontecer com as belas jovens ricas e talentosas. Ali conheceu intelectuais e poetas importantes pelos quais passou a ser protegida, e principalmente, teve acesso a muitos livros. Ainda na corte, escreveu poemas e canções. Juana escolhe a vida religiosa, opção comum para muitas mulheres, já que assim ficavam livres da tutela masculina.

É bastante conhecida a história de sua renúncia ao mundo, e mesmo – ante as súplicas insistentes de um confessor mais bem-intencionado que inspirado – à sua biblioteca. A erudição filosófica e teológica de Sor Juana é comparável à das maiores mentes de seu século, como o jesuíta português Antônio Vieira, com quem ela manteve uma controvérsia em seu ensaio sobre “o sonho” e suas interpretações. Mas foi acima de tudo uma musicista e poeta. (Lafaye, 1998, p. 621).

Nos conventos, as mulheres tinham liberdade para exercer atividades intelectuais e artísticas, podiam administrar seu dinheiro e levar uma vida social, inclusive recebendo pessoas da alta sociedade em seus aposentos. Segundo Lafaye

Por excepcional que possa ter sido o seu caso graças às suas incomuns habilidades, ele mostra não obstante que a educação das mulheres na sociedade crioula (mais especificamente nos conventos, onde as noviças davam aulas particulares às meninas) poderia ser variada e refinada. (Lafaye, 1998, p. 622).

Assim, Sor Juana escreveu cânticos religiosos, poesias, líras e sonetos. Variou os temas, escrevendo também poemas satíricos, mitológicos e amorosos, muitos dos quais eram dedicados às mulheres com quem convivia. Suas obras de

destaque foram *El Divino Narcisu*, *El sueño*, e vários *villancicos* (composições populares que eram cantadas durante as cerimônias litúrgicas) que misturavam espanhol, *náhuatl* e línguas africanas. “Assim, sua inspiração poética abarcou todo o espectro cultural da sociedade multirracial do México”. (Lafaye, 1998, p. 622).

Outro grande representante desse período foi o *criollo* mexicano Carlos de Sigüenza y Góngora (1645-1700), sobretudo na exaltação da abundância na América e a maneira como as riquezas fluíam para os *criollos*. Teve educação religiosa, foi estudioso e professor de matemática e astronomia. Dedicou muitos anos ao estudo dos códices e hieróglifos astecas, além de outros documentos do passado mexicano. Em sua obra *Primavera indiana* (1688) retratou o senso americano do maravilhoso, misturando devoção cristã, mitologia pagã e fervor patriótico. Seu texto é um exemplo típico das primeiras influências iluministas sobre o conhecimento científico e a ideologia *criolla*.

Em 1681, Sigüenza escreveu o *Manifiesto filosófico contra los Cometas*, que tratava de desmistificar esse tipo de evento, que causava um pavor supersticioso na população. Foi questionado pela Igreja, mas logo escreveu nova obra sustentando seu estudo com as teorias de Copérnico, Galileu e Descartes. Dessa forma, separou a astronomia da astrologia, campos que conhecemos hoje.

Em 1690, após sua expedição à Flórida para mapear o golfo do México, escreve *Los Infortunios de Alonso Ramírez*, obra ambientada no Oriente, introduzindo um novo gênero de escrita. Ele ainda desejava escrever a história do México a partir do material que analisou durante muitos anos, porém, sua morte interrompeu seu trabalho, que só terá continuidade no século seguinte, por Francisco Javier Clavijero, num momento de despertar da consciência *criolla* e da valorização patriótica.

Podemos dizer que Sigüenza y Góngora inaugura um novo estágio da literatura e, por conseqüência, na sociedade *criolla* ao editar o primeiro periódico hispanoamericano *Mercurio Volante*, em 1693. “Essa publicação foi talvez o primeiro eco nas Índias do desenvolvimento do conhecimento racional na Europa, como o foi o *Manifiesto filosófico contra los cometas* (1681), do mesmo autor, que atacava as superstições contra as interpretações astrológicas dos cometas, habituais nesse período”. (Lafaye, 1998, p. 626).

Estas tendências iniciadas no século XVII podem ser consideradas o ponto de partida para a consciência americana dos *criollos*. A essa altura da história, a cultura *criolla* estava consolidada.



## 4 SÉCULO XVIII: LUTA IDEOLÓGICA ATRAVÉS DA LITERATURA

O século XVIII foi decisivo para o fortalecimento da identidade *criolla*. A recuperação demográfica dos indígenas, o renascimento da mineração e o crescente aumento da miscigenação foram fatores determinantes. É o século do iluminismo, cujas idéias causam mudanças significativas na América. O rei espanhol Carlos III e seus ministros ilustrados colocam em prática seus ideais de progresso econômico e científico, que trarão conseqüências para as relações comerciais e sociais na colônia.

A hora decisiva para a América espanhola chegou em 1759, com a ascensão de Carlos III. O novo rei, que havia passado alguns anos em Nápoles como vice-rei, estava imbuído de idéias de progresso científico e educacional e de reforma administrativa. Além disso, cercou-se de conselheiros como Jovellanos e Campomanes, que estavam determinados a colocar a Espanha no mesmo nível da França e da Inglaterra. (Lafaye, 1998, p. 630).

Com o objetivo de aumentar o potencial da indústria espanhola, o monarca pretende fazer da América sua produtora de matérias primas e consumidora de produtos manufaturados. Para isso, tomou uma série de medidas, como a diminuição das tarifas de importação, mudanças na legislação sobre o comércio colonial, abertura de novos portos, autorização para o comércio intercolonial. Surgem novos centros comerciais, como Buenos Aires, Valparaíso e Bogotá.

Na verdade, tais medidas foram inspiradas na Inglaterra, mas não funcionaram da mesma forma. Como já foi dito, a Espanha não possuía uma burguesia capitalizada e uma indústria consolidada assim como a inglesa, e por isso não teve condições de abastecer a América com produtos industrializados, tendo que ver estrangeiros (holandeses, franceses, ingleses) cumprindo este papel. Assim,

as amplas reformas que visavam beneficiar a Espanha acabaram por precipitar os processos de independência.

Quando España no puede abastecer de productos manufacturados a las colonias, sobre todo em el período de las guerras napoleónicas, los comerciantes extranjeros se hacen dueños de ese comercio y terminan no solo con la ganancia española, sino, incluso, con las pocas industrias existentes en Hispanoamérica, el poder competir con ventaja. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 54).

As medidas relativas ao comércio vieram acompanhadas de mudanças na distribuição territorial com a formação de novos vice-reinos, como o Vice-reino de Nova Granada, Vice-reino do Rio da Prata e Capitania Geral da Guatemala. Houve aumento considerável na mobilização militar para a defesa dos territórios americanos, com incentivo para formação de milícias coloniais. Foi permitido inclusive que índios e negros pudessem participar. A mobilização de um exército *criollo* acabou despertando um sentimento nacionalista em seus componentes.

Mas, sem dúvida, uma das principais decisões de Carlos III foi a expulsão da Companhia de Jesus das terras americanas, o que causou indignação e ressentimentos, afinal muitos jesuítas eram *criollos*, e tiveram que abandonar sua terra. Também houve revoltas nas missões indígenas e nas comunidades religiosas ligadas à Companhia. Mais intensas foram as conseqüências econômicas, espirituais e políticas, uma vez que estes religiosos foram os grandes responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e ideológico dos *criollos*.

La expulsión, nunca explicada claramente, pero que se justificaba dentro de la política iluminista en contra de la Iglesia, causo una gran indignación no sólo por cuestiones devotas, sino porque la mayoría de estos hombres eran criollos y sufrieron además de la perdida de su trabajo el desarraigo de su patria. Em El aspecto cultural además – para muchos autores – la expulsión fue un acto regresivo porque estos religiosos habían contribuido a la difusión de las nuevas corrientes filosóficas, introduciendo en sus programas de estudios a autores como Descartes, Leibniz, Copérnico, etc. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 56).

Quanto à sociedade do século XVIII, a hierarquia a qual os funcionários coloniais chamavam de “castas” ainda existia. De cada cem habitantes da América espanhola, podemos dizer que apenas um era espanhol peninsular (e este com certeza ocupava um cargo governamental), dezoito eram *criollos* da elite, e o

restante, a grande maioria, eram mestiços e *criollos* pobres e negros libertos. Durante suas reformas, Carlos III procurou reverter essa situação no intento de impedir o aumento do número de mulatos e mestiços, branqueando assim a raça. Para ele, era preciso que a sociedade tradicional americana abandonasse esses antigos valores de cor e raça, priorizando as relações empresariais. Assim, o governo metropolitano autorizou a participação dos mulatos e mestiços no exército, permitiu o acesso à educação, aos cargos públicos e ao casamento com brancos. Entretanto essas medidas progressistas fizeram com que parte da burguesia *criolla*, incapaz de conceber outras formas de relações, se sentisse ameaçada, e valorizasse cada vez mais a hierarquia social e sua posição racial. É com esta realidade que o nascente grupo de intelectuais ilustrados irá se defrontar.

No campo cultural, surgiu a valorização da identidade *criolla*. A arquitetura, o estilo Barroco, o surto de construções públicas e privadas, o crescimento urbano e industrial, tudo isso veio a estimular o orgulho *criollo*. Este senso de superioridade americana despertou um sentimento de injustiça, pois os *criollos* sempre foram excluídos de cargos civis oficiais ou de altos comandos do exército. A tensão entre americanos (*criollos*), *gachupines* e *chapetones* marcará o período, pois esses espanhóis recém chegados assumiram cargos de governo até então proibidos aos *criollos*.

A ambição mesmo dos crioulos mais ousados ainda era por reformas que pudessem lhes dar o que, como americanos, consideravam seu lugar de direito e merecido na condução das coisas públicas, o que hoje se poderia chamar de “autonomia interna”. No entanto, no curso da segunda metade do século XVIII, a competição entre os espanhóis e os crioulos da América intensificou-se ainda mais. Comparar os méritos da Espanha e da Nova Espanha tornou-se um exercício habitual entre o clero, os eruditos e os membros dos cabildos. (Lafaye, 1998, p. 630-31).

Nas cidades portuárias, outro fenômeno interessante. Novas ondas de imigração deram origem a uma sociedade *criolla* diferente daquela composta de proprietários de terra enobrecidos. Imigrantes de origem basca, catalã e valenciana vão formar na América uma burguesia profissional e comercial, que terá acesso a novos livros e novas idéias. Lafaye comenta:

Livros e gravuras proibidas entraram a princípio por contrabando, sobretudo da Holanda. E foi nessas vilas burguesas que foram criadas as novas

universidades, que se tornaram imediatamente centros onde era asseverada a autoconsciência crioula. (Lafaye, 1998, p. 628).

A produção literária da segunda metade do século XVIII mudará radicalmente seu foco. As idéias iluministas de Adam Smith, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Descartes, Locke, encontraram mentes abertas e críticas na América, exercendo grande influência na construção da identidade *criolla*.

O iluminismo deu origem aos dois principais fatores que influenciaram os americanos. Primeiro a independência dos Estados Unidos, que estimulou os *criollos* a assumirem seu próprio governo. A declaração de independência norte americana, baseada na democracia e no liberalismo econômico, atendeu melhor às aspirações *criollas* do que a própria Revolução Francesa. Tais idéias já haviam chegado à América espanhola mesmo antes da independência, através do comércio intercolonial, conforme afirmam Rodríguez e Salvador.

El comercio de Estados Unidos con Hispanoamérica, primero con el Caribe y más tarde con el Rio de la Plata y Chile, fue un canal incesante de influencia ideológica: ejemplares de la Constitución y de la Declaración de Independencia americanas fueron introducidos por esta zona. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 57).

Ainda, em relação à busca de uma legitimação ideológica para a identidade crioula:

De cualquier modo desde la propia Hispanoamérica comienzan a oírse ya las voces que buscan una identidad americanista. Pero la búsqueda de esta identidad plantea varios problemas. En primer lugar hay que encontrar un rasgo peculiar, una singularidad en torno de la cual poder construir la ideología americanista. Las necesidades políticas y económicas que arrastran a las capas criollas a la aventura de la Independencia, generan simultáneamente la necesidad de una legitimación ideológica. Esa legitimación ideológica vendrá de la mano de la literatura. Y este será el eje principal, el fin a conseguir, alrededor del cual girará toda la literatura hispanoamericana de la segunda mitad del siglo XVIII, e incluso, como veremos, del XIX. (Rodríguez e Salvador, 2005, p. 58).

Dentro das novas universidades apareceu o elemento que levará o espírito *criollo* ao seu apogeu: a prensa. Inicialmente a edição e impressão de livros na América eram raras, já que os editores espanhóis detinham esse monopólio. Ainda assim a maioria das obras impressas era religiosa. Também existia o fato de a venda desses livros ser restrita, devido ao alto grau de analfabetismo da população.

A partir do funcionamento da primeira prensa em 1735, no México, a publicação de livros e de periódicos aumentará consideravelmente, sendo que as editoras das universidades “se tornariam os centros de dissensão e eventualmente de revolta dos americanos”. (Lafaye, 1998, p. 630). Assim, novas idéias e novo conhecimento foram disseminados pela imprensa, principalmente através dos periódicos, onde surgiram inúmeros títulos: *Á Gaceta de Madrid* (reimpressa na América), a *Gaceta de Cidade do México*, o *Diario Erudito Económico e Comercial de Lima* (futuro *Mercurio Peruano*), *Mercurio Volante* (México), *Primicias de La cultura* (Quito), *El Censor* (Buenos Aires), *Telégrafo Mercantil* (Río de la Plata), *Gaceta de Buenos Aires*, *La Aurora de Chile*, *El papel de periódico* (Bogotá). Esses periódicos se diferenciam pela pluralidade temática, pela freqüência em que são publicados, ou pelo campo a que se dedicam. Alguns autores escreverão seus periódicos sobre a história e relatos de visitantes estrangeiros. Outros periódicos tratarão da geografia, da natureza e do aproveitamento dos recursos naturais. Entretanto é no campo ideológico que a produção de periódicos se mostrará mais fértil, abrangendo instituições civis e religiosas, atraindo um público leitor cada vez maior.

Entre os autores responsáveis pela formação ideológica da época, falaremos inicialmente de Francisco Javier Clavijero (1731-1787), um dos jesuítas *criollos* expulsos pelas reformas de Carlos III. Considerado um dos homens mais cultos de sua época, foi influenciado pelas leituras de Descartes, Newton, Leibniz e outros filósofos. Demonstrava grande interesse pelo pensamento crítico moderno, sentindo a necessidade aplicar essas idéias ao ambiente colonial de seu tempo.

Professor e pesquisador, ele examinou muitos documentos referentes ao passado mexicano e fez registros preciosos que foram divulgados após sua morte. Clavijero era profundo admirador de Sigüenza y Góngora, e como ele, examinou códices indígenas em busca do passado pré-colombiano. Quando lecionou em Guadalajara escreveu seu *Tratado de Physica Particularis* e concluiu *Cursus Philosophicus*, duas obras que revelam seu pensamento filosófico-científico.

Exilado na Itália após a expulsão dos jesuítas, Clavijero retoma suas leituras e seus estudos sobre a história mexicana, quando chega à suas mãos um livro

intitulado *Recherches philosophiques sur les Américains*. Tratava-se da obra de um prussiano chamado Cornelius Pauw, que retratava a natureza e a cultura americana com uma visão totalmente distorcida. Percebendo o desconhecimento dos europeus em relação à América, e sentindo-se desafiado, Clavijero deu início a sua obra mais importante, a *Historia Antigua de México*, publicada em 1780 em Cesena, (Itália). Sobre a obra, Lynch, citado por Rodríguez e Salvador, comenta:

Francisco Javier Clavijero, quizás el hombre de más altura intelectual de entre los jesuitas exiliados, escribió una Historia Antigua de México con la que pretendía “hacerse útil a su patria” y en la que resalta las diferencias entre México y España, sobre todo las étnicas, defendiendo una concepción del “mestizaje”. Esta literatura de los jesuitas era más hispanoamericana ya que española. Y, si – como señala Lynch – “no era aún una cultura “nacional”, contenía un ingrediente esencial del nacionalismo, la conciencia del pasado histórico de la patria”. (Lynch, 1976 apud Rodríguez e Salvador, 2005, p. 58).

Ao final do século XVIII, alguns escritores destacaram-se também como oradores e líderes revolucionários. É o caso de Antonio Nariño na Colômbia, Manuel Belgrano na Argentina e José Joaquín Fernández de Lizardi no México.

José Joaquín Fernández de Lizardi (1776-1827), conhecido com *El Pensador Mexicano*, foi um grande partidário da independência, crítico dos costumes e da organização social da época. Sofreu repressão e foi preso pelas autoridades do vice-reino do México. Mas isso não o fez desistir de escrever obras singulares de crítica à realidade social. Lizardi foi considerado o primeiro novelista hispanoamericano, ou como afirma Lafaye “ele logrou adaptar perfeitamente o espírito do Iluminismo à tradição da novela picaresca espanhola”. (1998, p. 634)

A mais famosa de suas novelas é *El periquillo sarniento*, um conto moral e filosófico que reflete sobre a sociedade, o governo, a religião, os direitos individuais e a democracia racial.

Lizardi – por decirlo com palavras de Jean Franco – “representa el ala más liberal de pensamiento independentista. Defiende La igualdad de los derechos para todos los hombres, sea cual sea su color; el establecimiento de unas cortes para representar a todas las clases; la emancipación de las mujeres y la total libertad religiosa”. Lizardi es, pues, lo que podemos llamar un “crítico público” y su obra responde a las necesidades propias de una transformación total de las condiciones de vida. Así resulta totalmente reivindicativo y coherente el que sea un negro el que instruye a Periquillo

sobre el buen gobierno y la sociedad utópica. (Franco, 1980 apud Rodríguez e Salvador, 2005, p. 62).

Suas obras secundárias são *La Quijotita y su prima*, que defende os direitos das mulheres, e *Don Cartín de La Fachenda*, uma crítica aos antigos valores feudais da sociedade colonial. Em 1812 funda o jornal com seu pseudônimo, *El Pensador Mexicano*, que é suspenso pelo governo de Fernando VII. Após a independência dirigiu a *Gaceta del Gobierno* (1825). Lizardi deixará sua autobiografia *Noches tristes y día alegre* como primeiro sopro do romantismo mexicano.

Há com efeito na literatura uma aspiração nacional, definida claramente a partir da Independência e precedendo o movimento romântico [...] Inversamente, a aceitação dos primeiros românticos pela opinião e o poder público (habituaados aos moldes neoclássicos) se prende às mesmas razões: eram os que vinham estabelecer nas letras o correspondente da Independência, promovendo as Luzes de acordo com as novas aspirações. (Candido, 1975, p. 15).

A América espanhola alcançou, no final do século XVIII um alto nível de realização cultural, tendo o merecido reconhecimento externo. O crescimento das relações comerciais, as mudanças nas relações sociais e o aparecimento das universidades resultaram na consolidação de uma riqueza cultural sempre aberta a novas influências, principalmente no campo da literatura. Neste período, é importante ressaltar, não é mais possível separar o discurso literário do discurso político. As literaturas nacionalistas começam a ser produzidas.

Em primeiro lugar, há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam e representam experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. (Hall, 2006, p. 52).

Mas este é só o início da jornada pela Independência da América, caminho que será trilhado por grandes homens do século XIX, como Simon Bolívar, Esteban Echeverría, Domingo Faustino Sarmiento, Juan Bautista Alberdi, Bartolomé Mitre, José Martí entre outros, cujas obras ainda hoje inspiram movimentos políticos e sociais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do descobrimento aos três séculos que se seguiram, a América colonial apresentou pleno desenvolvimento da literatura e da arte. Este desenvolvimento aconteceu de forma peculiar em cada nação hispanoamericana, sofrendo influência dos mais diversos fatores participantes do processo de colonização e transformação da cultura. Entre estes fatores, podemos citar a administração do governo espanhol, a integração da religião e dos costumes espanhóis à cultura indígena, a miscigenação e a influência iluminista. Esses aspectos determinaram o aparecimento de uma identidade *criolla*, que encontrou legitimação através da literatura.

A literatura colonial mostrou-se muito abrangente em relação a temas e estilos, com um especial interesse em retratar o novo, o diferente, o modo de vida que se levava no Novo Mundo. Assim como as diversas formas de arte, a literatura adquire características próprias, hora desvendando os mistérios da fauna e da flora ou narrando sermões religiosos, hora contando histórias de sonho e aventura em prosa ou verso. O aparecimento de temas e estilos originais deu início ao desenvolvimento da cultura *criolla*, que supera obstáculos, ultrapassando barreiras étnicas e geográficas.

É importante salientar que estes três séculos de produção literária foram resultado de uma elite *criolla* educada, absoluta minoria diante de um número esmagador de pessoas pobres e analfabetas.

Toda essa movimentação cultural não seria possível sem a presença das ordens religiosas, sobretudo a dos jesuítas, principais responsáveis pela disseminação da cultura europeia em solo americano. Como vimos, a Companhia de Jesus não resistiu às reformas de Carlos III. No entanto, os jesuítas seguem publicando estudos e escrevendo obras de exaltação à sua pátria americana.

A presença das mulheres na literatura é pouquíssimo mencionada, embora saibamos que algumas mulheres intelectuais optaram pela vida religiosa em busca da liberdade e direito de escreverem brilhantes obras, como é o caso de Sor Juana Inés de La Cruz e outras religiosas do século XVII.

Através da literatura a história se revela com elementos palpáveis, nas quais podem ser observadas etapas do crescimento, estagnação e mudanças nos mais diversos aspectos da sociedade colonial da América espanhola, e o desenvolvimento de uma identidade cultural que ultrapassa os limites biológicos e territoriais. Essa identidade adquire novo sentido ao raiar do século XVIII, onde aparecem as literaturas patrióticas, de exaltação à cultura americana. Conforme Hall,

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. (Hall, 2006, p. 49).

Nesse contexto, os escritores possuem um papel político fundamental. Desafiam a ordem estabelecida, formam opiniões e preparam as pessoas para uma futura América independente.

Na América espanhola do século XVI, a ideia de identidade estava muito ligada às estruturas de “castas”, onde os indivíduos se identificavam de acordo com sua origem ou raça. Na mentalidade da época, essa estrutura era “divinamente estabelecida”, ou seja, determinada pela vontade de Deus. No decorrer do século XVII, a noção de identidade cultural sofreu algumas alterações, em função das transformações econômicas e sociais da época. A ascensão dos mestiços e índios nobres às posições mais elevadas fez com que a identificação entre os indivíduos

deixasse de ser racial, e passasse a depender do posicionamento social. Ao final desse século, a influência Iluminista mudará esse conceito. No século XVIII a identidade *criolla* se consolida, e logo em seguida, as idéias de independência e unidade nacional.

Para dizer de forma simples, não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Mas seria a identidade nacional uma identidade unificadora desse tipo, uma identidade que anula e subordina a diferença cultural? [...] Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural. (Hall, 2006, p. 59).

A atual noção de identidade está longe de significar uma unidade cultural. Isto está claro ao visualizarmos a pluralidade cultural da América latina. Esta afirmação também se refere às acentuadas diferenças sociais que existem em cada nação latino-americana, resultado de séculos de dominação e exploração. Nossa identidade cultural é o reflexo de um passado comum, do que restou das culturas nativas, das novas influências externas, de muitas lutas ideológicas, e segue em constante transformação.

## REFERÊNCIAS

- ALBERT, Maria Angeles; ARDANAZ, Francisco; VÁZQUEZ, Germán. **Hispanoamerica**, ayer y hoy. Madrid: SGEL, 2002.
- BERNAND, Carmem; GRUZINSKI Serge. **História do Novo Mundo**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LAFAYE, J. A Literatura e a Vida Intelectual na América Colonial. In: BETHELL, Leslie (Org.). **América Latina Colonial**. v.2. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. v.2. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1975.
- CHAUNU, Pierre. **Conquista e exploração dos novos mundos (século XVI)**. São Paulo: EDUSP, 1984.
- COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**: as quatro viagens e o testamento. Tradução de Milton Persson. Porto Alegre: L&PM, 1998.
- FÉLIX, Loiva Otero. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- GALEANO, Eduardo. **A Descoberta da América (que ainda não houve)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LAS CASAS, Frei Bartolomé de. **O Paraíso Destruido**: a sangrenta história da conquista da América Espanhola. Tradução Heraldo Barbuy. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RIBEIRO, Darci. **As Américas e a Civilização**: estudos de antropologia da civilização. Petrópolis: Vozes, 1979.

RODRÍGUEZ, Juan Carlos; SALVADOR, Álvaro. **Introducción al estudio de la literatura hispanoamericana**. 3 ed. Madrid – España: Akal Ediciones, 2005.

SILVA, Janice Theodoro da. **América Barroca**: temas e variações. São Paulo: EDUSP – Nova Fronteira, 1992.

STEIN, Barbara H.; STEIN, Stanley J. **A herança colonial da América Latina**. Tradução de José Fernandes Dias. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**: a questão do outro. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VACA, Álvaro Núñez Cabeza de. **Naufraágios e Comentários**. Tradução Jurandir Soares dos Santos. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

